



A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL SEGUNDO A PERSPECTIVA DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA

Amanda de Sousa Alves Rodrigues

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará e bolsista do Programa de Educação Tutorial (SESu/MEC).

Maria Luisa Ribeiro Torres dos Santos

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC – UFC).

Maria Isabel Filgueiras Lima Ciasca

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (1988) com habilitação em administração escolar, mestrado em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1997) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2003). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Ceará. E-mail: isabelfil@uol.com.br

RESUMO

Este artigo, intitulado “A avaliação na Educação Infantil segundo a perspectiva da Aprendizagem Cooperativa” tem o objetivo de levantar alguns apontamentos sobre a compreensão do que seria a avaliação na Educação Infantil atualmente e de como a Aprendizagem Cooperativa pode trazer resultados significativos que contribuam para o enriquecimento dessa etapa importante do desenvolvimento integral da criança. Portanto, os resultados foram obtidos por meio de referenciais teóricos e leituras embasadas pelos estudos de alguns autores até o sexto período do curso de Pedagogia. A avaliação serve como auxílio ao educador, para favorecer o diagnóstico referente ao desempenho da criança, mas veremos como pode ser muito benéfica para o alcance da autonomia e do protagonismo pela própria criança.

Palavras Chave: Avaliação; Educação Infantil; Aprendizagem cooperativa.

ABSTRACT

This article, titled “Evaluation in Early Childhood from a Cooperative Learning perspective” aims to raise some points about understanding what would be the evaluation in Infant Education today and how Cooperative Learning can bring significant results that contribute to



the Enrichment of this important stage of the integral development of the child. Therefore, the results were obtained through theoretical references and readings based on the studies of some authors up to the sixth period of the Pedagogy course. The evaluation serves as an aid to the educator, to favor the diagnosis regarding the performance of the child, but we will see how it can be very beneficial for the reach of the autonomy and the protagonist by the child itself.

Keywords: Evaluation; Child education; Cooperative learning.

Introdução

A Educação Infantil tem como objetivo principal o desenvolvimento por completo da criança, devendo respeitar a singularidade e a individualidade de cada uma delas, para que estas se desenvolvam integralmente. A avaliação deve ser vista como meio de conquista desse objetivo por ser parte fundamental do acompanhamento desse processo.

No Art. 4º da Resolução CNE/CEB número 5, de 17 de dezembro de 2009, consta que:

A criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Com base nisso, entendemos que a Educação Infantil não deve assumir finalidades seletivas ou classificatórias, mas deve, sim, estar de acordo com seu maior objetivo, de proporcionar as relações, interações, vivências e a liberdade adequada ao desenvolvimento das crianças.

Contudo, os sistemas de ensino estão imersos em um mar de avaliações em todos os níveis, que, na maior parte das

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



vezes, está diretamente relacionado a classificações e a competição. Com isso, o debate sobre o tipo de avaliação adequada a essa etapa do ensino é instaurado. A respeito do assunto, o seguinte comentário:

A educação infantil ficou, até pouco tempo, preservada das avaliações gerais. Mas isso não é visto pelos interessados no processo avaliativo em curso, em quase todo o mundo, como privilégio ou uma isenção que a beneficie. Delineia-se um embate teórico e prático entre especialistas em educação infantil, gestores de sistemas de ensino, professores e pais de família sobre o tipo ou o caráter da avaliação na educação infantil, os instrumentos adequados para operá-la e o uso que se fará dos dados colhidos. Educadores resistem à aplicação de testes estandardizados de forma generalizada para todas as crianças, com o objetivo de marcaram estágio ou nível de desenvolvimento e/ou alcance de objetivos pré-definidos para respectivas idades. (CARDONA, GUIMARÃES, OLIVEIRA, 2014, p.339)

No que diz respeito ao tipo de avaliação adequada a essa etapa do ensino básico, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), indica que a avaliação deve ser entendida como um meio de assessorar os professores, de modo que possam afinar a teoria com a prática e contribuir de maneira adequada à necessidade de aprendizagem da criança. É por intermédio da avaliação que o professor possuirá o conhecimento relevante para planejar tal prática, além de ajustá-la às demandas encontradas.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação sobre a Educação Infantil, a “avaliação deve ser realizada mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental” (BRASIL,1996).



Além disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução CNE/CEB número 05/2009) apontam que as creches e pré-escolas devem planejar formas de avaliação que proporcionem o acompanhamento tanto do trabalho dos professores quanto do desenvolvimento da criança.

Os meios mais comuns de observação se dão levando em conta o contexto das crianças, suas individualidades, suas histórias de vida, seus conhecimentos prévios de mundo, bem como questões culturais e sociais. Os registros geralmente são feitos através da escrita, de fotografias, vídeos, trabalhos manuais das próprias crianças, gravações, portfólios e de muitas outras formas. Os professores costumam anotar suas observações para posterior planejamento com base nas conclusões em que chegam sobre as crianças, de modo que possam aperfeiçoar suas práticas e contribuir com o maior desenvolvimento das mesmas. A avaliação deve ocorrer permanentemente e nunca como ato formal de teste, comprovação, atribuição de notas e atitudes que sinalizem punição.

Portanto, o pensar em avaliação na educação infantil não pode, de forma alguma, estar dissociado do pensar em aprendizado e do pensar a criança como sujeito concreto e possuidor de direitos. Por esta razão é que este trabalho visa compreender o que é entendido por avaliação e como podemos pôr em prática essa importante etapa do desenvolvimento infantil no ensino básico sob a perspectiva da aprendizagem cooperativa.

Aprendizagem cooperativa e seus preceitos

Na busca por tentar compreender como a aprendizagem cooperativa pode ser útil à avaliação na educação infantil, faz-se necessário, primeiramente, entender quais são seus pre-

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



ceitos fundamentais. Segundo Freitas e Freitas (2003, apud FUSCO, 2007, p.59), “Aprendizagem Cooperativa (AC) é um modelo de aprendizagem que surge para dar respostas às exigências da globalização e da constante transformação social, na qual o conhecimento evolui rapidamente”. Fusco (2007, p. 59) continua:

É, pois, fundamental, sair de um modelo educacional baseado na transmissão de conteúdo para outro paradigma, centrado na estimulação de capacidades, tais como a criatividade, o dinamismo, a consciência crítica, a expressão pessoal, que dão capacidade a cada um de nós, não só de acompanhar a evolução do conhecimento científico, mas de influenciar na construção do próprio conhecimento.

A aprendizagem cooperativa é fundamentada no preceito de desenvolver relações de solidariedade, colaboração e troca entre os alunos, de modo que eles percebam que possuem capacidade de aperfeiçoarem seus conhecimentos mutuamente, ajudando uns aos outros a desenvolverem seus potenciais. De acordo com Leitão (2006, p. 8, apud FUSCO, 2007, p. 60), “a aprendizagem cooperativa é uma estratégia centrada no aluno, e no trabalho colaborativo” em que a diferença existente entre eles é tida como um valor, “recorrendo a uma diversidade de atividades, formas e contextos em que aprendem, de forma ativa, solidária, crítica e reflexiva, a construir sua compreensão do mundo que os rodeia” (FUSCO, 2007, p. 60).

Bessa e Fontaine (2002, apud FUSCO, 2007, p. 60) mencionam que a aprendizagem cooperativa é uma estratégia que visa promover as aprendizagens e as realizações escolares, melhorando os resultados independentemente das características individuais dos alunos, dos fatores ambientais, da localização das escolas ou do nível de ensino. Nisso, a aprendizagem co-



operativa difere dos métodos avaliativos vigentes nos documentos existentes no meio educacional, que precisam levar em consideração todas essas características para poder avaliar a aprendizagem das crianças. Na proposta da aprendizagem cooperativa há crescimento para qualquer criança, em qualquer lugar e sob qualquer circunstância.

Ao longo da história, os dois irmãos David Johnson e Roger Johnson, há cerca de 40 anos, estudaram e procuraram aplicar a metodologia da aprendizagem cooperativa em sala de aula (JOHNSON; JOHNSON; SMITH, 1998, apud VIEIRA, 2015, p. 15). Uma metodologia que mostra que existem desempenhos efetivos, participativos, agradáveis e eficazes no ofício de ensinar. Ainda sobre o surgimento dessa metodologia de aprendizagem, que vem ganhando cada vez mais espaço ao longo das últimas décadas, Vieira (2015, p. 15-16) conta-nos que:

Outra referência histórica concernente ao uso de sistemas cooperativos de aprendizagem pode ser atribuída a Joseph Lancaster (Dictionary of Canadian Biography), um educador inglês (1778-1838) que, como cristão Quaker⁷, usava a Palavra de Deus como base para seus ensinamentos. Fundou uma escola primária, gratuita para os que não podiam pagar. Sem condições de sustentar um assistente, designou os estudantes mais antigos como monitores para os mais jovens em turmas pequenas. Esses monitores tinham também um líder. Tal experiência não era novidade, mas ele desenvolveu um elaborado sistema de ensino mútuo em que os alunos eram castigados por seus erros ou recompensados por seus acertos. Sua metodologia foi aplicada em várias ilhas conquistadas pelos ingleses nesse período, principalmente nas classes mais pobres da sociedade. Em 1806, ele abriu uma escola em Nova Iorque, Estados Unidos, usando sua metodologia, o que gerou uma acentuada ênfase na Aprendizagem Cooperativa nesse período.

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



O grande diferencial da proposta dos irmãos Johnson e Johnson (1999, apud VIEIRA, 2015, p. 9) é a presença de cinco pilares: interdependência positiva, responsabilidade individual, habilidades sociais, interações promotoras e processamento de grupo. São esses pilares que contribuem para criar ações e interações que possibilitarão a distinção das atividades cooperativas das atividades tradicionais de grupo. São esses pilares que irão contribuir para desenvolver a autonomia e o protagonismo desde a mais tenra infância, se assim for possibilitado.

Vale ressaltar que a estratégia do uso adequado da aprendizagem cooperativa não surge como uma proposta de abolir todos os outros métodos de ensino-aprendizagem já existentes, mas surge como uma opção a mais, como outro instrumento a ser usado para somar forças em busca de alcançar o objetivo comum, o desenvolvimento integral da criança, é o que esclarecem Gisbert e Monereo:

Gostaria de esclarecer que falamos da Aprendizagem Cooperativa, ou do uso instrutivo das interações entre alunos, como um recurso a mais – de maneira alguma o único – de gestão de sala de aula. Não se trata de substituir o trabalho individual ou o competitivo pelas estruturas de colaboração. Esse aspecto não é sugerido nem pelos mais ferrenhos defensores da aprendizagem cooperativa; como eles mesmos observaram (Johnson e Johnson, 1991), pretende-se introduzir a cooperação em nossas salas de aula para que alunos e professores saibam quando utilizar cada uma das três estruturas de trabalho. (2005, p. 10)

Em se tratando diretamente da implicância da estratégia de aprendizagem cooperativa na educação infantil, é relevante falar do pensamento de Piaget sobre aprendizagem entre pares, visto que suas ideias são altamente pertinentes ao contexto:



A maior parte das pesquisas sobre aprendizagem entre pares pode ser incluída no âmbito piagetiano. Para Piaget, a interação com os demais – especialmente da criança pequena com outras crianças de sua idade – é fundamental para o desenvolvimento. A interação entre iguais provoca o confronto entre pontos de vista moderadamente divergentes, o que se traduz no conflito social (melhora da comunicação, consciência, pontos de vista alheios) e cognitivo (reexame das próprias ideias, sua modificação, feedback com os outros). Esse conflito, fundamental na teoria genética, pressupõe um desequilíbrio que o sujeito deve superar alcançando, através do conhecido processo de equilíbrio, esquemas cognitivos mais estruturados e, portanto, obtendo aprendizagem (Piaget, 1978). Se para Piaget a interação entre iguais era um meio para o desequilíbrio, os estudos realizados por Doise, Mugny e Perret-Clermont, com um viés mais sociocognitivo, afirmam que a interação entre iguais é uma condição necessária para o desenvolvimento, conferindo ao fator social um papel primordial no conflito cognitivo (Mugny e Doise, 1983). A teoria sociocultural, derivada das ideias de Vygotsky, reforçou o conceito da interação social como mecanismo para o desenvolvimento. Em outros termos: A aprendizagem desperta uma série de processos evolutivos internos que só operam quando a criança interage com as pessoas que a rodeiam e cooperam com alguém parecido com ela (Vygotsky, 1988, p.108-109). (GISBERT;MONEREO, 2005, p. 12)

Conforme afirmava Piaget, a interação da criança pequena com as demais crianças de sua idade terá significado importante em seu desenvolvimento. Nessa interação proposta por ele, é que se evidenciará justamente o aparecimento dos cinco pilares da aprendizagem cooperativa, que só podem se manifestar em meio a interação social: a interdependência positiva, ou seja, o componente que obriga os membros do grupo a trabalhar juntos, ativamente, é o núcleo central da aprendizagem

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



cooperativa. Responsabilidade individual, elemento que torna a contribuição de cada criança necessária para o bom desempenho do grupo. Competências cognitivas sociais, as competências necessárias para realizar eficazmente uma tarefa em grupo. E o *feedback* sobre a atividade, que obriga os membros do grupo a avaliar o seu grau de eficácia e a fixar-se nos objetivos a atingir, a fim de melhorar o seu funcionamento em grupo em próximas atividades.

Avaliação na educação infantil segundo a perspectiva da aprendizagem cooperativa

A proposta da avaliação na educação infantil segundo a perspectiva da aprendizagem cooperativa visa proporcionar à criança pequena diversas possibilidades de perceber a si própria e ao outro, de modo que, em meio as interações ela aprenda a decidir, fazer escolhas e ponderar entre opções, de forma que ela aprenda a se auto avaliar:

Para que o processo de aprendizagem melhore de forma sustentada, as crianças devem avaliar se suas ações são positivas ou negativas e tomar decisões sobre as condutas a manter ou a modificar em ocasiões futuras. Devem também fixar os objetivos para melhorar as suas competências e desta maneira terão mais consciência do seu comportamento e das repercussões deste sobre as outras crianças. (LOPES; SILVA, 2009, p. 21)

Trabalhando em grupo de modo colaborativo e interdependente, a criança vai aprendendo sobre a importância e responsabilidade de seu papel social. É nessa interação que ela desenvolve habilidades e se avalia constantemente. A avaliação é intrínseca ao aprendizado que acontece em grupo. São constantes as descobertas e as avaliações durante todo o processo,



o que resulta em cada vez maior desenvolvimento integral das capacidades, das relações sociais e do senso de importância e função dentro do grupo. A aprendizagem cooperativa não é somente um mero trabalho em equipe:

A aprendizagem cooperativa é mais do que um simples trabalho de grupo. Quando as crianças trabalham em grupo de maneira tradicional é possível que interajam, enquanto que em grupo cooperativo as atividades propostas são concebidas de modo que a participação de cada um seja necessária para realizar a tarefa pedida (Abramo et al., 1996, apud LOPES; SILVA, 2009, p. 6)

Essa metodologia se mostra eficaz porque “A aprendizagem cooperativa favorece o tipo de interações que permite aumentar o desenvolvimento e ascender a níveis mais elevados de funcionamento cognitivo” (Forman, 1989; Krasnor e Rubin, 1983, apud LOPES; SILVA, 2009, p. 12).

A avaliação acontece durante essas interações e, de acordo com Lopes e Silva (2009, p. 21), a “avaliação do grupo: facilita a aprendizagem das competências sociais; assegura que os membros recebam *feedback* pela sua participação e lembra às crianças que têm de praticar de forma consistente as competências sociais ou de cooperação”.

Não é raro que os adultos subestimem o potencial das crianças na educação infantil, de modo a acharem que são incapazes de exercer tal autoavaliação, contudo, enganam-se. Lopes e Silva afirmam:

Frequentemente, de forma semelhante ao que respeita às competências sociais, os adultos têm poucas expectativas em relação às crianças deste grupo etário e fazem-lhes perguntas que apenas apelam à sua memória e compreensão. Estas competências são importantes, mas as crianças têm também necessidade de enfrentar desafios em que tenham de treinar as competências de

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



análise, de síntese e de avaliação (Bloom,1956, apud LOPES; SILVA, 2009, p. 22).

É muito importante para o desenvolvimento global das crianças que estas sejam postas diante de desafios que as levem a progredir socialmente, afetivamente e cognitivamente. Além disso, “as crianças habitua-m-se à autoavaliação e assumem a responsabilidade de adquirir as competências necessárias à co- operação” (LOPES; SILVA, 2009, p. 22).

Quanto ao modo que se dará estas análises individuais que as crianças farão, cabe aos professores não “julgar nem aconselhar dado que este período é uma ocasião importante para que as crianças tomem consciência das suas aprendizagens e desempenhem um papel activo na investigação dos meios para melhorarem as suas competências.” (LOPES; SILVA, 2009, p. 22).

Lembrando sempre que as crianças são sujeitos de direitos, pessoas concretas com potencial que não deve ser subestimado e que, portanto, precisam receber toda contribuição para desenvolverem-se integralmente, como é o objetivo da educação infantil.

Conclusão

Este trabalho teve o objetivo de levantar alguns apontamentos sobre a compreensão do que seria a avaliação na Educação Infantil atualmente e de como a Aprendizagem Cooperativa pode trazer resultados significativos que contribuam para o enriquecimento dessa etapa importante do desenvolvimento integral da criança.

A avaliação na Educação Infantil dispõe de várias modalidades e instrumentos capazes orientar o professor nesta eta-



pa, e serve como auxílio para favorecer o diagnóstico referente ao desempenho da criança. A aprendizagem cooperativa surge como mais uma opção promissora para o desenvolvimento infantil, e nos leva a concluir que esse processo de avaliação pode ser muito benéfico para o alcance da autonomia e do protagonismo pela própria criança.

Os resultados foram obtidos por meio de referenciais teóricos e leituras embasadas pelos estudos de alguns autores até o sexto período do curso de Pedagogia.

Foi possível entender que quanto mais a aprendizagem estiver integrada ao cooperativismo, mais efetivo e notório será o crescimento global das crianças. É importante integrar a avaliação a todo o processo de ensino-aprendizagem de modo autoavaliativo e desafiador para as crianças.

Para finalizar é possível concluir que avaliar não é um ato isolado e muito menos parado, e sim algo que está em constante mudança e que tem total ligação com a criança e suas potencialidades que estão sendo desenvolvidas e percebidas a cada dia por ela própria.

Referências

_____. Conselho Nacional de Educação (2009). **Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?catid=323:orgaos-vinculados&id=13684:resolucoes-ceb-009&option=com_content&view=article>. Acesso em: 03 ago. 2017.

_____, (1996). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil, Vol.2**. Brasília, 1998.

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



CARDONA, Maria João; GUIMARÃES, Célia Maria; OLIVEIRA, Daniele Ramos de (Orgs.). **Fundamentos e práticas da avaliação na educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 360.

FUSCO, Janaina Fernanda Gasparoto. **Aprendizagem cooperativa: práticas inclusivas da Educação Infantil ao Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/150585>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

GISBERT, David Duran; MONEREO, Carles. **Tramas: procedimentos para aprendizagem cooperativa**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 172.

LOPES, José; SILVA, Helena Santos. **Métodos de aprendizagem cooperativa para o jardim-de-infância**. Areal Editora, 2009. p. 208.

VIEIRA, Hermany Rosa. **Avaliação do processo de ensino e aprendizagem entre articuladores de células do Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis da Universidade Federal do Ceará**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/12566>>. Acesso em: 03 ago. 2017.